



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ISABELA FERREIRA ROCHA

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS DESENHOS ANIMADOS: NARRATIVAS
DE CRIANÇAS PEQUENAS EM INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

ISABELA FERREIRA ROCHA

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS DESENHOS ANIMADOS: NARRATIVAS
DE CRIANÇAS PEQUENAS EM INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Teodoro.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

ISABELA FERREIRA ROCHA

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS DESENHOS ANIMADOS: NARRATIVAS
DE CRIANÇAS PEQUENAS EM INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 5 de Julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cristina Teodoro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Mighían Danae Ferreira Nunes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a M.^a Ayodele Floriano Silva

Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	6
3	OBJETIVOS	8
3.1	GERAL	8
3.2	ESPECÍFICOS	8
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
5	METODOLOGIA	13
5.1	A ESCUTA DE CRIANÇAS EM PESQUISAS	13
6	CRONOGRAMA	17
	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

Para Bezerra (2012), quando se fala de programação infantil na televisão, o que mais se destaca é o desenho animado. Os desenhos são recursos audiovisuais fantásticos que resgatam de uma maneira lúdica, as contações de histórias de antigamente. Nos princípios da civilização, as histórias e mitos que, posteriormente se transformariam nos contos de fadas, eram narrados ao redor da fogueira para todas as pessoas, independente de níveis culturais ou sociais. Com o intuito de ensinar os valores e princípios contidos em cada sociedade, elas mexem, até hoje, com a imaginação e a vontade, independentemente da idade ou do conhecimento de mundo.

De acordo com Oliveira (2011), a infância é uma das fases mais importantes para a construção da identidade e personalidade de uma pessoa. Sendo assim, os desenhos infantis estão ligados diretamente à vida das pessoas, pois, é durante a infância que eles passam a ser consumidos, tornando-se comum na rotina da criança ao assisti-los. Para ela, ainda, esses desenhos têm um grande poder de recepção pelas crianças e exercem grande impacto sobre elas, uma vez que são tidos como a representação do real, trazendo, na maioria das vezes, aspectos lúdicos fantasiosos.

Segundo Fantim (2004), os desenhos animados têm grande importância para o desenvolvimento infantil, pois a partir deles, a criança se diverte e satisfaz sua necessidade do lúdico, também, ela tem a possibilidade de vivenciar conflitos, medos e aventuras imaginariamente, o que resulta num processo de amadurecimento emocional e cognitivo. Ao mesmo tempo Girardello (2008), aponta a existência de três fatores importantes que são enfatizados no cotidiano infantil, os quais vão interagir com a capacidade imaginativa da criança que vê televisão, são eles: o tempo que a criança passa assistindo essa mídia, a maneira que o adulto vai mediar esse desenho animado no cotidiano da criança e o conteúdo da programação assistida pela criança. Tudo isso reporta ao fato de que os desenhos animados, como forma cultural, têm papel preponderante na imaginação da criança, mas é necessário que haja, em alguns momentos, a mediação de um adulto para uma possível contextualização do desenho assistido, de maneira que a experiência imaginativa da criança seja a mais plena possível.

Fantin (2009) alerta, em relação a filmes e desenhos animados, que os sentidos são construídos em contextos sociais definidos e serão diferenciados, conforme seu lugar institucional ou o espaço social em que está sendo visto, isso supõe regras de comportamento e, por vezes, certos sentidos ao contexto que está sendo recebido. Os desenhos animados

colaboram para o desenvolvimento do imaginário infantil, é um meio de aprimorar a imaginação, incluindo o seu cotidiano e a sua relação com o mundo, provocando a criatividade.

Os produtores corporativos da cultura infantil invadem a vida privada das crianças. Percebendo o enorme poder dos meios de comunicação e informação, atacam a vulnerabilidade infantil desenvolvendo uma infinidade de produtos para atingir a essa faixa etária, criando necessidades para este público consumidor e incitando a aquisição exacerbada dos produtos veiculados pelas mídias. Além dos aspectos voltados para o entretenimento e lazer, a televisão também se apresenta como uma poderosa gôndola eletrônica para a exposição e sedução destes pequenos consumidores. (CORDEIRO 2003, p. 231)

Bezerra (2021), argumenta que nos dias atuais o papel de orientar e educar as crianças, que antes era de responsabilidade dos pais e da escola, está perdendo espaço para as mídias. Devido à rotina criada na sociedade atual, os pais, muitas vezes, são obrigados a deixar seus filhos “à mercê” dos meios de comunicação. As crianças crescem em contato direto com esses meios e necessitam aprender a ler, compreender e criticar o que aprendem nessa relação inevitável. Hoje, uma criança desde muito pequena já tem autonomia para navegar na *internet*, buscando assuntos do seu interesse, como desenhos e jogos.

Os desenhos contribuem para a formação da personalidade das crianças já que trazem em sua essência princípios e valores que são ofertados aos pequenos de uma forma lúdica e encantadora. Por isso, é de responsabilidade de todo indivíduo prezar pelos direitos da criança de ter conteúdo de qualidade nos meios de comunicação. Diante dessas constatações, surge a necessidade de se questionar o que exatamente esses desenhos estão “ensinando” às crianças. Além disso, o presente projeto tem como problematização questionar:

- ✓ **Como a representação e a representatividade negra estão presentes nos desenhos animados assistidos por crianças que frequentam instituições de educação infantil, na etapa da pré-escola?**

2 JUSTIFICATIVA

Após a minha entrada na Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), localizada no Recôncavo Baiano, na Cidade de São Francisco do Conde, comecei a afirmar gradativamente a minha identidade enquanto mulher negra, algo que já era presente em meu espaço familiar, mas, percebi que nos ambientes escolares e na sociedade

como um todo, havia exclusão e a invisibilização social do negro, como resultado do eurocentrismo presente na cultura e sociedade, que apresenta, entre outros aspectos, aqueles vinculados à inferiorização do negro e valorização do branco, visto como superior.

Durante vários anos, um padrão de beleza foi ponderado por representar o que seria dito como mais bonito, um padrão pautado na beleza da população branca, um padrão de beleza ocidental e, por outro lado, em uma construção de uma imagem negativa do negro. Com isso, passei a questionar como seria para as crianças que não têm informações suficientes sobre as suas raízes culturais e ancestrais? Com a forte presença da visão eurocêntrica, como poderiam se distanciar e saber quem são?

Para o segundo ciclo da minha formação, na mesma universidade, optei pelo curso de licenciatura em Pedagogia, assim, como futura pedagoga, quero atuar na área da Educação Infantil. Com discussões em componentes curriculares, desenvolvi a reflexão de como é importante trabalhar as relações étnico-raciais, particularmente, sobre a representação e a representatividade negra.

A representatividade ética e cultural em um contexto social, seja no local de trabalho, seja na política ou televisão, é um fator imprescindível para combater o medo que muitos de nós sentimos do novo. Quando crianças, recebemos imposições limitantes que muitas vezes ensinam de forma errada o que podemos ser ou fazer. Com a representatividade e o reconhecimento de que as diferenças engrandecem, as pessoas são encorajadas a lutar para ocupar o seu lugar de direito. (OXFAM.ORG.BR, 2021).

Esse tema, do meu ponto de vista, é de grande relevância social, política e acadêmica, pois aborda a discriminação que crianças negras vêm sofrendo, por falta de representatividade negra. Segundo o dicionário Aurélio (2018), “representatividade significa caráter do que é representativo, qualidade reconhecida a um homem, a um organismo, mandatado oficialmente por um grupo de pessoas para defender os seus interesses”. Assim, compreendo que além da representatividade negra nos filmes e desenhos animados ser fundamental para o desenvolvimento da criança, também é importante para a desconstrução do racismo, sendo uma das formas de enfrentá-lo, mostrando às crianças, desde a tenra idade, que somos diferentes e que cada ser humano importa e têm direitos iguais na sociedade.

O racismo, segundo Kabengele Munanga (2003), é embasado na ideia de raças e hierarquias, é uma ideologia essencialista pautada na divisão de grupos de pessoas por meio de "raças", logo, de características físicas possuindo relação direta com características psicológicas, morais e comportamentais, e que, em decorrência disso, existem "raças" superiores e inferiores." (MUNANGA apud GROSSI; PILAR, 2018.p.205)

Assim, com o presente projeto de pesquisa, é uma forma de contribuir para a ampliação da representatividade negra na infância, como uma possibilidade de saída para a discriminação racial que podemos observar nos desenhos animados que as crianças assistem, reconhecendo que por meio da representatividade negra, ser possível combater o racismo, e contribuir para a constituição de uma identidade da criança negra, positivada.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- ❖ Analisar os conteúdos contidos nos desenhos animados assistidos por crianças entre 4 e 5 anos e compreender como elas percebem a representatividade étnico-racial, principalmente a negra, presentes neles. Entender, ainda, como docentes por elas responsáveis, fazem uso dos desenhos animados em suas práticas pedagógicas.

3.2 ESPECÍFICOS

- ❖ Realizar levantamento dos desenhos animados assistidos por crianças entre 4 e 5 anos, de uma turma de Educação Infantil;
- ❖ Compreender, por meio de narrativas, como as crianças identificam e analisam a representatividade étnico-racial, como foco na representatividade negra, contida nos desenhos animados por elas assistidos.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A infância é observada como uma fase que precisa ser valorizada e a criança é vista como um ser “que sabe observar o mundo que se acerca [...] sabe olhar e pensar com a sua própria cabeça” (ZABALZA, 1998). É nesse período que a criança absorve e aprende tudo aquilo irá compor sua identidade. A infância é uma fase fundamental onde se iniciam todos os saberes da vida, desenvolvendo uma construção dos conhecimentos e da consciência.

Com base nessa concepção, a Educação Infantil ganha destaque, considerada, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados, que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade. De acordo com tais diretrizes, a criança deve ser considerada como

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (MEC, 2009)

Analisar o campo da educação infantil é de extrema importância, tendo em vista que as crianças que neles se encontram, estão em um momento crucial de construção da sua identidade, do seu caráter e absorção de valores. Esse momento faz parte de um processo que ocorre por meio de interações vivenciadas no âmbito familiar e nas relações externas, sendo, geralmente, a instituição de educação infantil uma das primeiras exposições dessas crianças à diversidade racial, culturais, religiosas e dos fenótipos.

Quando a criança adentra o espaço de educação infantil, traz consigo experiências ricas aprendidas com seus familiares e a comunidade em que vive. Entretanto, é nesse espaço que passa a conviver com outras crianças e adultos até então desconhecidos. Por meio das interações construídas em seu cotidiano, são aprendidas novas situações que, necessariamente, passam a fazer parte de sua vida. Esse aprendizado deve ser por via de uma educação de qualidade que contemple várias dimensões da vida: a educativa, a social e a cultural. (TRINIDAD, 2012 p.120)

Para a autora, pesquisas mais recentes demonstram que as crianças de pouca idade têm conhecimento e entendimento do que ocorre em sua volta, até mesmo quando tudo acontece de forma silenciosa e rápida, esse entendimento pode deixar marcas profundas que impactam diretamente na construção da sua personalidade. De acordo com Gaudio (2013), os estudos e pesquisas sobre as relações étnico-raciais no âmbito da Educação Infantil revelam que as crianças negras vivenciam, em seus cotidianos, relações intersubjetivas com as demais crianças e que essas relações, muitas das vezes, são pautadas pelo preconceito e discriminações.

Pesquisas desenvolvidas desde a década de 1990, com crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos, entre outras, a de Dias (1997) e Cavalleiro (1998), observaram situações de discriminação nas interações entre crianças inseridas em instituições de educação pré-escolar. O xingamento, o distanciamento, a rejeição eram os mais recorrentes em seus cotidianos. Especificamente com professoras que se ocupam da educação da faixa etária de crianças entre

0 e 5 anos, a discriminação acontecia e acontece, pela falta de reconhecimento de mérito das crianças negras, pelo tratamento diferenciado e, principalmente, pelo silenciamento diante de situações de discriminação entre elas. De acordo com Munanga,

Para que haja um processo de construção da identidade coletiva negra, por exemplo, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial, ainda, presente em nosso “imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva, capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente, na historiografia colonial” (MUNANGA, 2012, p. 10).

A Representatividade negra, certamente, é um dos elementos para recontar essa história. Para compreender, representatividade é um termo que é utilizado para falar sobre a importância de diferentes grupos étnico-raciais se verem representados nas mais diversas vertentes sociais, como, por exemplo, nas mídias. Ao longo dos anos, vão se expandindo discussões em torno da representatividade, questionando a padronização que beneficia apenas poucos grupos raciais, em especial, o branco, principalmente na esfera política, movimentos artísticos e culturais, e em setores da mídia. A falta de representatividade de determinados indivíduos que representam um grupo, faz com que eles sejam excluídos na sociedade, sendo assim, com o passar do tempo, a frase “representatividade importa”, passou a ser utilizada com o objetivo de inspirar pessoas que são consideradas de grupos minoritários, a ocuparem e reivindicarem seus espaços, em lugar de poder. Visando melhor compreensão, é necessário ressaltar que apesar de não serem estanques, há diferença entre o conceito de representação e representatividade. Para Stuart Hall,

Nós concedemos sentidos às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nela embutidos. (HALL, 2016, p. 21)

Para ele, dois conceitos são fundamentais, o de linguagem e de cultura, como um conjunto de significados partilhados. Em relação a linguagem, o mesmo diz que e a forma como se atribui sentido, também, conforme lembra o autor, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de representação. Portanto, a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado. Segundo Olívia Luiza Pilar de Souza (2021), a palavra representação remete a diversas perspectivas, a depender da área a qual estamos observando, como política, midiática, legal, performática. Ainda, no Campo da Comunicação, é possível analisá-la, principalmente, de duas formas: nas práticas comunicativas inseridas na representação política institucional, em

termos de política formal e informal, de eleitos e não eleitos; e nas práticas comunicativas na representação simbólica, aquela que podemos observar em produtos midiáticos, na sociabilidade e outros, que diz da política de outra forma. Para a mesma autora, há uma proximidade entre o conceito de representação e o termo representatividade, presente no Dicionário Michaelis, que diz de algo ou alguém que

1 Que representa ou serve para representar. 2 Que envolve e tem relação com representação. 3 Diz-se de organismo (sindicato, associação etc.) com direito reconhecido de representar um grupo, uma comunidade etc. 4 Diz-se de sistema político em que a soberania é exercida por delegados do povo, que este elege diretamente e que o representam. (REPRESENTATIVO, 2015)

Ela exemplifica que no campo da política, ao mencionar Garcêz e Maia (2016), a representatividade diz de uma proporcionalidade de representação, ou seja, ela acontece através da eleição ou indicação do representante por meio de alguns indicadores (como a questão territorial, por exemplo). Para as autoras, segundo Olívia, embora o círculo eleitoral ainda seja central, na atualidade a representatividade está cada vez mais segmentada por interesses e sujeitos. Assim, demandas e interesses são representados por existirem grupos que se organizam de forma extra territorial, mas que se baseiam na territorialidade para eleger representantes de seus interesses. Como é possível verificar, a discussão em torno dos conceitos, é complexa, porém, neste projeto, será seguida a proposta apresentada por Olivia (2021), ao discutir as diferenças entre representação e representatividade. Para ela,

Em um breve levantamento dessas abordagens: Chinen (2013), ao estudar a presença de personagens negros nos quadrinhos, apresenta um caminho com termos parecidos ao nosso, mas com uma perspectiva diferente. Para o pesquisador a representatividade diz apenas da quantidade e, assim, estatísticas seriam suficientes para que ela seja analisada; a representação se refere às imagens construídas sobre os negros nos quadrinhos. Machado (2018), ao estudar a presença de pessoas negras em telenovelas da Rede Globo entre 2011 e 2017, ressalta o número baixo de negros como protagonistas, aproximando a representatividade da questão quantitativa. Guimarães (2017), por outro lado, destaca a noção de representatividade como um sinônimo de representação, ora utilizando um termo, ora o outro. Nesse sentido, ao analisar personagens negras do audiovisual brasileiro em 2016, ela também as qualifica, porém a diferenciação (se há) entre representação e representatividade não fica explícita. Por fim, Queen Nwabasili (2017) define a representatividade como uma “presença pela diversidade” (p.130) ao analisar se uma diversidade entre produtores de filmes causaria uma representação mais positiva e diversificada nos enredos cinematográficos. (SOUZA, 2021, p. 41)

No entendimento dela, a representatividade acaba por absorver todos esses apontamentos. Assim, não se trata de um sinônimo de representação, mesmo que para ela (a representatividade) possa existir seja preciso que: I) algo esteja sendo ali representado, II) se

construa sentidos sobre esse algo e III) que esse algo seja interpretado — ou seja, o processo de representação apontado por Hall (2016). Nesse sentido, a representatividade também necessita da presença, e não da ausência — tanto entre os personagens, quanto também na produção. Assim, nos perguntamos: essa presença pode ser qualquer presença ou precisa de uma qualificação ou uma construção dos enredos dos personagens?

No caso deste projeto, é necessário observar a negação da representatividade negra pela sociedade, quando, na mídia televisiva percebe-se, por um lado a ausência de crianças negras atuando nas propagandas, nos filmes e desenhos animados, como também, ao observar lojas de brinquedos e produtos infantis, em que têm várias bonecas brancas, sendo raro ter nas prateleiras bonecas negras, reforçando a ideia da falta de representatividade. Sendo assim, as discussões em torno da representatividade vêm conquistando espaço há algum tempo, trazendo inquietação do pensamento sobre a exclusão de determinados grupos sociais em diferentes situações. Mesmo com a visível evolução na discussão sobre a representatividade negra na mídia, há um grande caminho pela frente.

Resumidamente, de acordo com as pesquisas realizadas, o conceito de representatividade é ter uma representação, ter uma quantidade significativa (como por exemplo, colocar várias pessoas negras atuando como protagonista e não apenas um ou dois como forma de cota) e que ocorram mudanças significativas para que possamos viver a diversidade e pluralidade. Tudo isso faz lembrar a Chimamanda Ngozi, mulher feminista e escritora nigeriana, onde ela fala sobre “o perigo da história única”, que é uma história contada por apenas um ponto de vista, e esse é o grande perigo da história única, onde pode ser contada para ter o benefício de um só lado e não se importar com a verdade do outro. Por isso, é fundamental que exista a representação e representatividade negra em todos os lugares, principalmente na mídia que é um meio de inspiração e tem um grande poder de manipular os telespectadores.

É importante considerar que as crianças, entre outras formas, aprendem por imitação, portanto, a criança compreende e estabelece relações com o que vê, sendo um ponto muito benéfico para o seu desenvolvimento, a qualidade e a demonstração do que vê. Sendo assim, a representatividade negra nos desenhos animados infantis é de extrema importância na construção da criança como um indivíduo com amadurecimento emocional e cognitivo sobre si, como diz Fantim (2004). É importante que as crianças tenham contato com representatividade etnicamente diversas, para que se sintam parte do meio. Além do mais, essa prática ajuda a valorizar e reforçar a naturalidade das diferenças.

A representatividade é fundamental para crianças em desenvolvimento. Isso porque, quando uma criança negra vê heróis e princesas com a mesma cor e o mesmo tipo de cabelo que o seu, ela se espelha no personagem e fortalece seu empoderamento, autoestima e confiança. A reprodução de personagens negros também é importante para desconstruir alguns alicerces do racismo. Muitas animações retratavam personagens negros – quando tinham – de forma menos importante. Normalmente dividindo o protagonismo com outros personagens brancos.” (MORAES, 2021, p.15)

Segundo Lopes (2022), um estudo realizado pelo Instituto Neuro Saber evidencia que os desenhos infantis contribuem para que as crianças construam valores e comportamentos diante da sociedade. Por isso, é tão importante que elas se vejam representadas nessas produções. Ainda, de acordo com esse estudo, a psicóloga especialista em inteligência parental Nanda Perim, diz (2022, p. 56): “o imaginário é a capacidade que a criança tem, ainda sem conhecer bem o mundo, de acreditar que absolutamente tudo é possível”.

5 METODOLOGIA

De acordo com Gil (2007, p. 17), a pesquisa é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. A resposta para esses problemas é que deve seguir etapas pré-definidas, incluindo a metodologia que, no ponto de vista de Fonseca (2002, p. 44), “é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo”. Procurando realizar os objetivos da pesquisa, será utilizado a abordagem qualitativa este que segundo Goldenberg (1997), p. 34), é aquela que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”.

5.1 A ESCUTA DE CRIANÇAS EM PESQUISAS

Por muitos anos, os conceitos de crianças e infâncias passaram por diversas significações. Em um primeiro momento, as crianças eram educadas como cópia comportamental dos adultos em vestuário, gestos, fala. Sarmiento explica que:

as concepções construídas historicamente sobre a infância, baseadas numa perspectiva adultocêntrica, tanto esclarecem como ocultam a realidade social e cultural das crianças sendo, portanto, necessária a ruptura com o modelo epistemológico sobre a infância até então instituído (SARMENTO, 2007 apud, ANDRADE, 2010, p.47).

O conceito de *criança* distingue-se do conceito de *infância*. A Sociologia da Infância, um dos mais recentes campos de pesquisas dentro da Sociologia, compreende o conceito de infância enquanto uma construção social, variável e contextual. Como pontua Lucimary Bernabé Pedrosa de Andrade:

A Sociologia da Infância costuma fazer, contra a orientação aglutinante do senso comum, uma distinção semântica e conceptual entre infância, para significar a categoria social do tipo geracional, e criança, referente ao sujeito concreto que integra essa categoria geracional e que, na sua existência, para além da pertença de um grupo etário próprio, é sempre um actor social que pertence a uma classe social, a um gênero, a um grupo racial etc (ANDRADE, 2010, p. 52).

Criança, como um conceito social, tem sua construção de acordo com o que é definido por uma dada sociedade. Por exemplo, a Convenção dos Direitos da Criança (1989) compreende criança enquanto uma pessoa que possui até 18 anos de idade, quando ela assume um estatuto de direitos e deveres. Já, em algumas etnias e comunidades tradicionais, a pessoa é criança até a sua entrada na puberdade, quando se inicia a vida adulta (ANDRADE, 2010, p. 54). É importante ressaltar que, com a ascensão da burguesia, principalmente a partir do século XVIII, surgiu um novo sentido de família, configurando o modelo nuclear como hegemônico e, trazendo também um novo “sentimento de infância”, colocando, assim, a criança, em uma condição diferente do adulto:

Sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças; corresponde, na verdade, à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que a distingue do adulto e faz com que ela seja considerada como um adulto em potencial, dotada de capacidade e de desenvolvimento (KRAMER, 2003, apud ANDRADE, 2010, p. 51).

Nesse sentido, para Gouvêa (2003) as múltiplas vivências da infância ocorrem de acordo com o pertencimento social, racial e de gênero. Um exemplo seria o período da colonização. Para a autora, quando se analisa a história da criança negra escrava, é necessário considerar que a mesma era iniciada no trabalho antes mesmo de completar sete anos de idade, enquanto a criança branca, da elite, era destinada aos estudos. Dessa maneira, estamos diante de duas infâncias distintas, que foram determinadas pela raça e classe social, não existindo, portanto, “a infância enquanto categoria universal, e nem a infância no singular, mas diferentes vivências do ser criança em uma mesma cultura” (GOUVÊA, 2003, apud ANDRADE, 2010, p. 52).

Sob essa ótica e dentro dos estudos do campo da Sociologia da Infância que o projeto de pesquisa será desenvolvido. Assim, é importante compreender que a presença de criança como sujeito de direito e protagonista em pesquisas é algo novo. Conforme afirma Cruz (2008,

p. 411), “captar o ponto de vista das crianças é relativamente recente”. Por muito tempo, as pesquisas tinham por finalidade saber sobre o que as crianças pensavam, expressavam e faziam, por meio de informações oriundas de um adulto. A descrença pela competência da criança ao comunicar-se, resultou em um processo de invisibilização de qualquer tentativa de escuta das mesmas, predominando, assim, a informação e a interpretação de suas vozes, por um adulto.

[...] É nessa perspectiva que se fala do adultocentrismo como acúmulo de obstáculo ao conhecimento da realidade de ser criança. Adultocentrismo que se torna sombra nas pesquisas com a pequena infância, sombras que obscurecem as vozes das crianças (FILHO; BARBOSA, 2010, p.10).

Segundo Sandra Rhoden (2012), atualmente está ocorrendo algumas modificações e várias pesquisas têm considerado as vozes legítimas das crianças. Para Cruz (2008 apud RHODEN, 2012, p.411), é necessário “buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens”.

[...] a pesquisa com crianças tem como princípio estabelecer “bases teóricas, epistemológicas e metodológicas,” contemplando a dimensão da sua subjetividade, os fatores sociais e a interpretação das suas ações, com relação à sua maneira de atuar, de acordo com o seu ponto de vista, nas questões do seu cotidiano. Quando colocadas frente a frente, ao desenvolverem atividades comuns, é possível perceber as concepções que trazem do seu cotidiano aliadas às “redes de significação e às conexões de sentido, que são partilhadas no grupo, para descobrir sentidos comuns no seu saber, fazer e sentir.” (FERREIRA; SARMENTO, 2008 apud RHODEN, 2012, p.411).

Ao considerar as crianças como sujeitos sociais ativos na pesquisa, admite-se que elas são sujeitos plenos de conhecimento e autenticidade. Para isso, é necessário que durante o processo de escutar e de ouvir as mesmas, exista uma sensibilidade. Segundo Rhoden (2012) a base de toda a investigação e da construção de informação deverá incluir a valorização da voz e ação das crianças, as informações da investigação para a criança, o consentimento informado, as estratégias, recursos plurais e criativos e a multiplicidade de recursos metodológicos, que permitam tornar audíveis as vozes de todas as crianças.

Para Rhoden (2012), do ponto de vista metodológico, a escuta das crianças, em qualquer processo investigativo em que se busca conhecer o seu ponto de vista, deve concentrar nas suas interações com o meio e com as pessoas, nas falas e diálogos presentes no decorrer da pesquisa, isto é, a criança não deve ser analisada isoladamente e é necessário considerar elementos como a inserção social, a cultura, a etnia, a religião, o gênero, o espaço geográfico e a geração (Sarmiento; Pinto, 1997 apud Filho; Barbosa, 2010, p.20.)

Entre os instrumentos mais utilizados para obter a narrativa de crianças, nos últimos tempos, ganham destaque: a utilização simultânea do registro etnográfico, registro fotográfico, gravações de vídeo e áudio, uso de desenhos das crianças, a observação participante e todo o processo da comunicação dialógica catalogado. Convém salientar, ainda, que em investigação com crianças é necessário lidar com mais de um procedimento metodológico para compreender o fenômeno que se quer estudar. Nesse sentido, também para Filho e Barbosa (2010), os trabalhos que têm como foco a escuta de crianças tem intensificado uma diversidade de alternativas metodológicas que ultrapassam as formas tradicionais de pesquisar crianças. Na presente pesquisa, optou-se pelos procedimentos que serão descritos adiante.

No presente projeto de pesquisa, primeiramente nos propomos a realizar a seleção de uma instituição de Educação Infantil, com vista à apresentação do projeto em questão e autorização para se adentrar aquele espaço. Após a aprovação, o mesmo será apresentado aos responsáveis pelas crianças e por último, e o mais importante, será apresentado às crianças. Além das crianças, as autorizações tanto por parte dos responsáveis quanto por parte escola, serão assinadas e reconhecidas. No documento que autorizará a pesquisa por parte dos concedentes, constará sobre o que se trata o projeto, os objetivos e os procedimentos da pesquisa.

O trabalho em campo visará analisar as narrativas de crianças pequenas em instituições de educação infantil. (SARAMAGO. 2001. p, 11) diz que, partindo do pressuposto da intercomunicabilidade entre as diversas esferas do mundo da infância, considera-se que o ambiente escolar, com essas características e acessibilidade, pode fortalecer um canal de contato com outras dimensões da vida social e privada das crianças. Sendo assim, a escola possibilita um ambiente privilegiado para desenvolver o trabalho de campo com crianças.

Entre outros objetivos, com as narrativas visa-se realizar um levantamento de quais são os desenhos animados que as crianças assistem. Posteriormente, entre os desenhos, serão selecionados os preferidos entre as crianças. Será reservado um momento para assistir os mesmos coletivamente e, após, será realizada uma conversa informal com elas, visando compreender as questões de interesse do presente projeto.

6 CRONOGRAMA

ANOS/ ETAPAS	2024	2025	
	2º semestre TCC-1	1º semestre TCC-2	2º semestre TCC-3
Revisão do projeto	X	X	
Levantamento Bibliográfico e Fichamentos	X	X	
Apresentação do projeto revisado		X	
Desenvolvimento da pesquisa		X	
Organização dos Dados		X	
Análise dos dados gerados			X
Elaboração e Redação do trabalho			X
Revisão e Redação Final			X
Entrega da Monografia			X
Defesa da Monografia			X

REFERÊNCIAS

- ANA PAULA SILVA DOS REIS. **Modos de representação e representatividade negra desde experiências e cênicas porto-alegrenses.** Porto Alegre, 2021.
- BARBARA. **A importância da representatividade negra em desenhos animados. 2021.** Disponível em: [A importância da representatividade negra em desenhos animados \(falauniversidades.com.br\)](http://falauniversidades.com.br).
- BELL HOOKS. **Olhares negros, raça e representação.** Ed. São Paulo: Elefante, 2019.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo,**
- CONRADO DESS. **Para se pensar uma representatividade negra: reflexões sobre o corpo (não) negro nas artes cênicas.** Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.
- CUNHA, BRITO, HOLANDA. **Mídia na educação infantil: Em que o desenho animado influencia na aprendizagem da criança.** 2019.
- DENIZARD CUSTÓDIO, LAURA OLIVEIRA, FRANCISCO VALLE. **Quando eu for humano: A Desumanização Do Negro Nas Animações.** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.
- Entenda por que a representatividade negra é importante ainda na infância. 2020.** Disponível em: <https://familycenter.com.br/entenda-por-que-a-representatividade-negra-e-importante-ainda-na-infancia/>
- DIAS, Lucimar Rosa; BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Educação Infantil e Relações Raciais: Conquistas de Desafios.** Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/EDUCA%25C3%2587%25C3%2583O%2520INFANTIL%2520E%2520RELA%25C3%2587%25C3%2595ES%2520RACIAIS%2520-%2520Maria%2520Aparecida%2520Bento%2520e%2520Lucimar%2520Dias.pdf&ved=2ahUKEwiw_MHQ4JPeAhWGfZAKHaxRCcIQFjAAegQIARAB&usq=AOvVaw2kZXBQ5jM4azA0l81wI4tr
- GLAUCIA SILVA DE MOURA, FABIANA SHERINE GANEM DOS SANTOS. **Os desenhos animados na mídia televisa: Implicações para o imaginário infantil.** UNEB/PPGEDuc/CAPES.
- GROSSI, Pilar. BONETT, Lima. **Caminhos Feministas no Brasil: teorias e movimentos sociais.** .ed. - Tubarão (SC): Copiart; Florianópolis (SC) : Tribo da ilha, 2018.
- igualdade e diversidade.** In: Cadernos de Pesquisa, v.44, n.153, jul./set. 2014.
- IMPORTÂNCIA da diversidade: a representatividade na sociedade. 2021.** Disponível em: [Importância da diversidade: a representatividade na sociedade / Oxfam Brasil.](#)
- LARISSA ROGÉRIO BEZERRA. **História do desenho animado e sua influência na formação infantil.** FAGED, UFC.
- LOPES. **O imaginário infantil e a representatividade para crianças negras.** 2022. Disponível em: [O imaginário infantil e a representatividade para crianças negras \(cnnbrasil.com.br\)](http://cnnbrasil.com.br).

MAYARA CRUZ BRITO. **Animação ou animalização? Uma análise fílmica do longa-metragem Soul.**

NATÁLIA FERREIRA CHAVES, VALDICELIO MARTINS DOS SANTOS.
REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

OLIVIA LUIZA PILAR DE SOUZA. **Representatividade importa? Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em Malhação: Viva a diferença.** Belo Horizonte, 2021
preconceito e discriminação na educação infantil. 3. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010. Não paginada.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação infantil e relações sociais: a tensão entre espaços de educação infantil.** Doutorado em educação. Universidade Católica de São Paulo. 2011

SARAMAGO. Metodologias de pesquisa empírica com crianças. 2001.

TATIANA ENGEL GERHARDT, DENISE TOLFO SILVEIRA. **Métodos de pesquisa.**

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Diversidade étnico racial: por uma prática pedagógica na educação infantil.** In: BENTO, Maria Aparecida Silva. Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em**

TROSSI, Pilar. BONETT, Lima. **Caminhos Feministas no Brasil: teorias e movimentos sociais.** .ed. - Tubarão (SC): Copiart; Florianópolis (SC) : Tribo da ilha, 2018.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.